

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



**"O PSDB morreu.
Quer que eu
fales de defuntos?"**

(De José Arthur Giannotti,
pesquisador do Cebrap
e referência intelectual
dos tucanos)

As fantasias de Janot

► **A Justiça brasileira prima pelo esforço de transformar ficção em realidade. E a delação é a prostituta das provas**

O latido dos cães contra o direito de Lula voltar ao poder traduz a falta de provas capazes de sustentar as denúncias contra ele, para, assim mesmo, evitar o crescimento da caravana de eleitores dispostos a dar a vitória, em 2018, ao ex-presidente da República. As pesquisas de intenções de voto indicam esse caminho.

É contra isso que os cães ladram e reagem. Sempre foi e sempre será assim o duro confronto com Lula nas urnas. Rodrigo Janot, procurador-geral da República, às vésperas de perder a função, repetiu de forma mais forte a receita de destemperados procuradores de Curitiba, que agem, quase sempre, garantidos pelo martelo do juiz Sérgio Moro.

Mais agressivo, o PGR denunciou e denominou o PT de "organização criminoso", comandado por Lula há 37 anos. Provas? Nenhuma. Além de Lula, Janot incluiu, desta vez mais diretamente, o Partido dos Trabalhadores e atingiu a ex-presidenta Dilma Rousseff, entre

outros petistas. Isso é uma questão para depois.

Lula vai agora, mais uma vez, caminhar contra o vento e, no próximo dia 13, enfrentará um juiz Moro sem documento, ou seja, sem provas, pronto a decidir sustentado pelo mesmo hábito que, descaradamente, publica a versão e joga a verdade no lixo.

Não é preciso invocar conhecimentos jurídicos para dismantlar as argumentações de Janot, Dallagnol e Moro, quando se fala em comprovações muito além da delação conhecida como a prostituta das provas. Nenhum indígena autêntico atiraria flechas a esmo, como fez o botocudo Janot na denúncia de agora. O trecho abaixo tirado de um parágrafo do discurso do procurador-geral da República desnuda um erro primário, que, talvez, faça parte de outros objetivos dele.

"Lula foi o grande idealizador da constituição da presente organização criminosa na medida em que negociou diretamente com empresas privadas o recebimento de valores para viabilizar sua campanha eleitoral à Presidência da República, em 2002, mediante o compromisso de usar a máquina pública, caso eleito, em favor dos interesses privados."

Em poucas palavras, Lula, renegado pelo empresariado desde as greves no ABC paulista, teria negociado com eles a possibilidade de vencer a eleição? Quem acredita? Teria sido mais fácil negociar com José Serra, o adversário de Lula naquele ano que sucedia o fim da desacreditada Era FHC.

Em recente entrevista, o ministro Luiz Fux, integrante do desimpedido Supremo Tribunal Federal onde os juízes falam de tudo, afirmou, ao modo dele, que "só o Poder Judiciário pode levar" o País "a um porto seguro". Pode significar tudo ou nada. Somente o Judiciário tem o poder de bloquear a candidatura de Lula, já então vítima de uma possível condenação tramada para a segunda instância. Prevalecerá, assim, a legitimidade dissolvida dentro de uma suspeita legalidade. •





Talvez Serra
saiba por quê

Dúvida de Coelho

Há uma inquietação na cabeça do ex-deputado tucano e milionário Ronaldo Cezar Coelho. Ele mesmo, entre amigos, espalha essa indagação: “Eu não sei por que mandaram o meu processo para São Paulo”.

Talvez porque tenha lavado dinheiro no exterior para o senador José Serra, outro tucano com contas a prestar à Lava Jato.

Memória do Brasil I

Embora esteja sendo resgatada, até recentemente corria risco a documentação que compõe o acervo de Leonel Brizola (1922-2004), ex-governador de dois estados: Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Os papéis, acomodados em caixas de plástico, estavam – grande parte ainda está – em um depósito no bairro da Penha, no subúrbio carioca.

Em vida, Brizola guardava os papéis em um apartamento exclusivo para isso em Copacabana, no Rio, colado ao que morava. Nos últimos anos de vida, ele, pessoalmente, organizava

documentos e marcava alguns deles com caneta hidrocor. Ora em vermelho, ora em azul. As gravações antigas já estão recuperadas.

O vereador Brizola Neto resgata lentamente o material e já procura espaço para criar o Galpão de Ideias Leonel Brizola, que incluirá videoteca e fototeca.

Memória do Brasil II

Simultaneamente, o documentarista Olivio Petit seleciona farto material e muitos depoimentos sobre Carlos Lacerda, governador da Guanabara (1960-1965). Tem o nome provisório de *Lacerda, Polêmica em Carne e Osso*.

Lacerda e Brizola foram duas expressões influentes da política brasileira entre os anos 1950, até o golpe de 1964. Brizola, à esquerda, já estava no exílio, quando Lacerda, à direita, foi decapitado logo, logo, pelos militares aos quais se juntou para derrubar Jango.

Dois Brasis

Há um movimento no Rio de Janeiro em defesa de Rafael Braga, um jovem habitante do Brasil de baixo. Ele foi condenado duas vezes e cumpre 11 anos de prisão.

Em 2013, Braga foi condenado por carregar, em manifestações populares, uma garrafa de Pinho Sol e outra de água sanitária, consideradas

material explosivo. E, em 2016, foi punido por carregar 9 gramas de cocaína e meio grama de maconha.

Recentemente, no Brasil de cima, um jovem empresário de Mato Grosso do Sul, Breno Fernando, filho de uma desembargadora, foi preso com 130 quilos de maconha, além de carregar no carro armas e munições e, em seguida, levado a uma clínica para tratamento. Aguarda julgamento em liberdade. Isso faz a diferença.

“É uma questão de classe e raça”, protestou a deputada Benedita da Silva.

Desordeiro

O senador Romário, um dos líderes do partido Podemos, ao mudar do futebol para a política trocou os pés pela imagem. Ele atende a convites políticos dos aliados desde que seja remunerado.

Desde que se filiou, em 1º de julho, não voltou a falar com o senador Álvaro Dias, o pré-candidato do partido à Presidência. O afastamento foi anotado. Romário não está nem aí.



Ele se acostumou com
os prêmios por boa atuação

Rio em crise

Marcelo Crivella, prefeito carioca, decidiu bater de frente com a crise.

Pensou, pensou, pensou e optou por cortar 50% em quase tudo do Orçamento previsto. A conta de publicidade, de 56 milhões de reais por ano, está reduzida a 18.750. Atingiu, “sem querer”, interesses comerciais do Grupo Globo.

mauriciodias@cartacapital.com.br